



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

FUTEBOL E NOVELA NA MEMÓRIA DO POVO¹

MAURO ALENCAR

Rede Globo, Diário de S. Paulo e Universidade de São Paulo

Resumo: Dois elementos culturais da nossa história mais recente são partes essenciais da memória coletiva do povo brasileiro: o futebol e a telenovela. Pela capacidade de dirigir-se a um público muito amplo, que se envolve, se emociona e se identifica com seus “atores” (os jogadores, no futebol; as personagens, na telenovela), essas duas produções culturais ajudam a compor a memória desse povo.

E, nesse aspecto, nada melhor que o futebol (por meio de times como Flamengo) e as novelas (como **Irmãos Coragem**) para representarem o Brasil e sua memória - elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva.

Palavras-chave: FUTEBOL - NOVELA - MEMÓRIA

¹ Trabalho apresentado no NP14 – Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Apresentação

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Essa definição de Le Goff (1990: 477) introduz-nos no universo das lembranças sociais, nas memórias que representam a formação da cultura e da identidade de um povo.

Pensar na formação de uma memória coletiva do povo brasileiro é pensar obrigatoriamente em dois elementos culturais que já fazem parte da nossa história mais recente: o futebol e a telenovela.

Pela capacidade de dirigir-se a um público muito amplo, que se envolve, se emociona e se identifica com seus “atores” (os jogadores, no futebol; as personagens, na telenovela), essas duas produções culturais ajudam a compor a memória desse povo.

As teorias sobre memória a serem explorados neste estudo passam principalmente pela visão de Halbwachs e Bergson, exploradas numa análise de Ecléa Bosi. A preocupação de Halbwachs com a memória baseia-se, segundo comentário de Bosi, na idéia dos “quadros sociais da memória”. A autora explica que “nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa, mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.”



Os aspectos teóricos

Halbwachs (1990), numa intenção maior de estudar a memória coletiva e a memória histórica, tece uma análise distintiva entre memória autobiográfica e memória histórica.

As lembranças agrupam-se em duas espécies de memórias, das quais o indivíduo participa, adotando atitudes diferentes diante de cada uma. A primeira delas é ocupada pelas lembranças ligadas a sua personalidade, a sua vida pessoal. A outra destina-se a sua participação como membro de um grupo que contribui para “evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo”, conforme explica o autor.

Essas memórias, apesar de distintas, podem se intersectar em algumas situações, mas seguem seus próprios caminhos. A memória individual às vezes confunde-se com a coletiva, pois pode apoiar-se sobre ela em situações que precise confirmar algumas de suas lembranças ou dar-lhes precisão, e mesmo para preencher algumas de suas lacunas. A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

A junção dessas memórias tem um caráter prático. Para retomar seu próprio passado, o ser humano freqüentemente precisa buscar apoio nas lembranças dos outros, reportando-se a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as idéias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Isso mostra a relevância de um estudo paralelo dessas duas memórias, já que se completam, dependem de uma co-existência. Durante a vida, o indivíduo arquiva suas lembranças pessoais, mas também compõe um grupo nacional e entra em contato com um certo número de acontecimentos dos quais se lembrará, mesmo tendo conhecido apenas por intermédio de jornais ou de depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Esses fatos ocupam um lugar na memória da nação, mas para a maioria essas lembranças representam o sentimento de confiança que se tem na memória dos outros, já que não foram vivenciados e por ser a memória do outro a única fonte daquilo que o indivíduo quer repetir. Essa é uma memória “emprestada” que serve ao homem como



bagagem de lembranças históricas. Distinguem-se, então, duas memórias: uma interior, ou interna, e outra exterior, também conhecidas como memória pessoal, ou autobiográfica, e memória social, ou histórica.

A memória autobiográfica apóia-se na memória histórica, uma vez que toda a história de nossa vida faz parte da história em geral. Quando olhamos nosso passado, é comum relacionarmos as fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais. Mas é na história vivida, e não na história aprendida, que se apóia nossa memória. Halbwachs assim explica o sentido de história em relação a nossa memória:

“Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto.” (1990: 60)

Atingir a realidade histórica é algo que exige um movimento de afastamento da individualidade para se buscar o ponto de vista do grupo, a fim de ver como um determinado fato marca uma data e por que este penetrou num círculo das preocupações, dos interesses e das paixões nacionais.

É curioso observar como as lembranças históricas construídas na infância são influenciadas pela presença dos outros. Se a pessoa se lembra de um fato de infância, mesmo não tendo compreendido num momento imediato o seu sentido histórico, isso geralmente ocorre porque, naquela época, sentia que os outros indivíduos ao seu redor, os adultos, preocupavam-se com aquilo. Mais tarde, então, ela passará a compreender melhor a importância de tal acontecimento.

Segundo Eco (1994), ninguém vive o presente imediato, já que ligamos coisas e fatos graças à função adesiva das memórias pessoal e coletiva (história e mito). Acrescenta, ainda:

“Nosso relacionamento perceptual com o mundo funciona porque confiamos em histórias anteriores. (...) Aceitamos como verdadeira uma história que nossos ancestrais nos transmitiram, ainda que hoje chamemos estes ancestrais de cientistas.” (Eco, 1994: 137)



Se nossas verdades baseiam-se nos relatos de nossos ancestrais, o idoso ganha um papel importante na construção de nossa memória, pois sua própria existência revela uma época, ele é a prova viva de um quadro temporal que não vivenciamos. Assim comenta Halbwachs:

“Geralmente, é na medida em que a presença de um parente idoso está de algum modo impressa em tudo aquilo que nos revelou de um período e de uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouco apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa.” (1990:66)

A história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, dar sustentação à memória.

Mas as lembranças são reconstruídas no presente, pois retoma os fatos do passado com a ajuda de dados emprestados do presente. Com o distanciamento temporal dos acontecimentos, a lembrança destes parece ocorrer em conjuntos, mas a precisão vai se perdendo, bem como a individualidade de cada fato. A imagem, muitas vezes, é reconstruída a partir de relatos e depoimentos, sem que o indivíduo se dê conta de que aquela não é uma lembrança fielmente conservada pela sua memória.

Isso pode ser observado na retransmissão de uma telenovela. Para o telespectador, essa é uma ação que leva ao confronto com as lembranças do passado. A Rede Globo tem explorado muito esse recurso com o programa “Vale a pena ver de novo”, no qual retransmite no horário da tarde as novelas de maior aceitação popular, algum tempo após sua primeira transmissão. É importante observar que além do efeito de atualização da memória do telespectador, essas novelas ganham quase que status de nova produção, pois estão sendo exibidas em novo momento histórico (e individual para cada telespectador), novo horário (não têm mais o privilégio do “horário nobre”, por não serem mais inéditas) e nova forma de recepção pelo telespectador, já que agora a verá como algo já conhecido, já visto e que considera, como o próprio nome do programa diz, válida para ser vista novamente.



Também não se pode dizer que a lembrança seja estática, pois evolui. Lembranças se juntam a novas lembranças, por exemplo em relação a uma pessoa, o que compõe sempre uma nova imagem. Também muda o ponto de vista daquele que se põe a recordar algo; desloca-se, de acordo com suas vivências pessoais, com as posições ocupadas em determinados grupos, com o tipo de relação que estabelece com o objeto de lembrança. As imagens do passado enfraquecem-se lentamente e as novas imagens recobrem as antigas. Nessa reconstrução de imagens, novamente o outro, a memória dos componentes dos grupos a que uma pessoa pertence, passa a ter valor essencial.

Sobre esse assunto, Bergson, citado por Ecléa Bosi no livro “Memória e Sociedade”, afirma:

“Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens.”

Bosi, a partir dessa afirmação de Bergson, passa a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total, ou seja, a de permitir a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interferir no processo presente de representações. Como ela afirma, “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.”. A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo.

Na visão de Bergson, segundo citação de Halbwachs (1990: 77), “o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes.” Porém essa não é a visão de Halbwachs, que não acredita estarem as imagens do passado no indivíduo, mas na sociedade, “onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória.” Assim, reconstruímos as imagens do passado, mas essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros.



Apesar da oposição teórica entre os dois autores citados acima, é interessante notar como Bergson se preocupa em entender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção. Para ele, a lembrança é a sobrevivência do passado, o qual conserva-se no espírito de cada ser humano sendo atualizado pela consciência na forma de imagens-lembrança. O passado, em sua forma pura, seria a imagem presente nos sonhos e devaneios.

Não atingimos jamais o limite da clareza total ou da sombra inteiramente impenetrável, o que configura diferentes graus dessa capacidade de lembrar. Às vezes somos enganados por nossa falsa sensação de certeza diante de um fato do passado. Isso ocorre, por exemplo, quando encontramos alguém que participou de um determinado acontecimento conosco e que, ao relatá-lo, põe em conflito nossas lembranças: sua seqüência, seus detalhes, pois o fato sempre é percebido de modo diferente por indivíduos diferentes.

As memórias coletivas podem se limitar a determinados grupos. Entre o indivíduo e a nação, há muitos outros grupos, que também têm sua memória. Cada grupo se divide e se restringe no tempo e no espaço e cada homem está inserido ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. No interior dessas sociedades desenvolvem-se memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não têm importância senão para elas.

Para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado.

Para que a história ajude-nos a conservar e encontrar a lembrança de um destino individual, é preciso que o indivíduo considerado tenha sido ele mesmo um personagem histórico. Há acontecimentos nacionais que modificam ao mesmo tempo todas as existências. Nesse sentido, quando o indivíduo torce por um jogo importante da Copa do Mundo ou participa da discussão de uma novela, sente-se fazendo parte da história.

No ano de 2000, a Itaú Seguros, empresa no ramo de seguros, veiculou uma campanha publicitária sobre os descontos no seguro de veículos para motoristas com mais de 30 anos. As peças publicitárias, vistas no pára-brisa traseiro de ônibus, mexiam com a memória histórica e individual do consumidor. Uma delas trazia a imagem de pés femininos vestidos com sandálias e



meias listradas coloridas brilhantes, remetendo-nos à abertura da novela **Dancin' Days**, de Gilberto Braga, e à moda lançada na época. O anúncio trazia ainda uma frase cujo conteúdo informava que quem tinha vivenciado aquela época tinha desconto no seguro do automóvel. Um outro anúncio trazia a famosa frase na história da teledramaturgia: “Quem matou Odete Roitman?”, pergunta que gerou inúmeras discussões na sociedade da época, que vivenciou as emoções da novela **Vale Tudo**, de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères. A brincadeira é um eufemismo para referir-se à idade mínima do consumidor alvo e mexe diretamente com a idéia de memória coletiva e memória individual. Lembrar-se da novela é sentir-se parte da história cultural do Brasil.

A novela, pela sua capacidade de envolver por longo tempo o telespectador e pela forte identificação popular com os dramas de seus personagens, faz um elo entre a ficção e a realidade, elementos que irão se misturar nas memórias individuais e coletivas. Conforme Maria Lourdes Motter, em artigo na revista *Comunicação & Educação* n.13 (apud Almeida et al, 2000), muitas novelas, como **O Rei do Gado**, de Benedito Ruy Barbosa, ilustram “um modo de interação entre os cotidianos da ficção e da realidade concreta, numa permanente e recíproca realimentação, diluindo progressivamente os limites entre ambas”.

A ficção é pautada pela realidade e a recíproca é verdadeira. Ficção e realidade se misturam tanto que a notícia passa a ser gerada a partir da ficção. A novela é um referente. A partir dela temas passam a circular entre a população tornando-se familiares, favorecendo a sua retomada em outros universos de discurso além do ficcional, ou seja, ajudam na formação da memória.

Vivendo com duas memórias, a individual e a coletiva, muitas vezes tendemos a confundilas, como se tivéssemos testemunhado fatos do passado até anteriores à nosso nascimento. Esse emaranhado de memória individual e memória coletiva, segundo Eco (1994), “prolonga nossa vida, fazendo-a recuar no tempo, e nos parece uma promessa de imortalidade”. O fascínio que a ficção causa na sociedade ganha a seguinte explicação de Eco:

“Ela nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando as crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos. E é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente.” (Eco, 1994: 137)



Novela e futebol: quando um invade o outro

O Brasil se unifica através da novela e do futebol. Essas duas paixões nacionais seduzem até mesmo seus “artistas”: jogadores de futebol sonham em ser artistas de novelas; atores de novelas sonham em ser jogadores de futebol. Um exemplo disso é o ator Nuno Leal Maia, que além de empenhar-se na atuação como jogador de futebol, chegou a ser treinador de uma equipe. No sentido oposto, um grande exemplo é Pelé, que ganhou um personagem em 1969 na novela **Os Estranhos**, quando estava no auge de sua carreira como jogador do Santos e da Seleção Brasileira. Depois disso ainda teve participação em novelas representando ele mesmo, como em **O Salvador da Pátria** (1989), **História de Amor** (1995-1996) e **O Clone** (2001-2002). A participação especial de jogadores de futebol em novelas, fora de situação de jogo, já foi vista mais de uma vez; além das atuações de Pelé, citadas acima, também a novela **Feijão Maravilha**, de 1979, contou com os convidados Zico e Sócrates.

É, porém, no momento mágico do campo, da situação de jogo, que essa mistura ganha maior força. Nesse momento, ficção e realidade se misturam e isso torna a novela ainda mais viva para seu público, que se sente participando dela junto de seus ídolos do futebol. Rodrigo Faro, o Renildo de **Suave Veneno** (1999), viu seu personagem virar ídolo tanto do público feminino quanto do masculino. Quando o futebol e a novela se misturam atinge-se um público muito mais amplo. Assim, em entrevista ao programa “Tá na Área”, ele descreve a emoção de viver essa ficção:

“Você brincar com esse jogo realidade-ficção, você está brincando com uma paixão da torcida, da nação rubro-negra, e eles me adotaram como ídolo do Flamengo, quer dizer, é maravilhoso, é um prazer enorme!”

A novela **Irmãos Coragem**, de 1970, encantou o Brasil com o personagem Duda, um jogador do Flamengo vivido por Cláudio Marzo. As cenas de jogo eram filmadas durante as partidas reais do time. Em um jogo de Flamengo e Botafogo, o ator entrou em campo junto com o time do Flamengo, participou do jogo até serem realizadas as filmagens necessárias e, segundo o relato do



próprio ator, só depois, quando saiu de campo, é que a torcida percebeu o que estava ocorrendo. A novela invadiu o futebol, era a ficção misturando-se à vida real.

Essa mesma experiência foi vivenciada pelo ator Mário Gomes, quando representou o personagem Luca, em **Vereda Tropical** (1984), ao lado de jogadores de prestígio, como Casagrande. A ascensão de Luca, de um time de segunda divisão ao imponente Corinthians, fez com que em um jogo real no qual se filmavam algumas cenas para a novela, o ator, após um gol, ouvisse a torcida gritar o nome de seu personagem.

Umberto Eco, em seu estudo sobre protocolos ficcionais, considera que as referências ao mundo real, na ficção, são tão ligadas que depois de algum tempo vivendo o mundo do romance o indivíduo começa a misturar elementos reais e da ficção e já não sabe bem onde está. Assim se pronuncia Eco sobre essa integração da realidade com a ficção:

“Tal situação dá origem a alguns fenômenos bastante conhecidos. O mais comum é o leitor projetar o modelo ficcional na realidade – em outras palavras, o leitor passa a acreditar na existência real de personagens e acontecimentos ficcionais.” (Eco, 1994: 131)

Futebol e novela não se cruzaram apenas para retratar o momento atual do telespectador. Importante é o relato do ator Osmar Prado, em “Tá na Área”, sobre a preparação para viver o personagem Mingo, em **Bandeira 2** (1971-1972). Seu treino ocorria no campo do Olaria, onde contava com a assessoria de Mané Garrincha, ícone da história do futebol brasileiro. Mas a novela que talvez mais tenha contribuído para a construção de uma memória histórica do futebol no Brasil foi **Salomé** (1991), por passar-se na década de 30 e mostrar o início da profissionalização do futebol, focado a partir do personagem Guto, vivido por Jandir Ferrari.

Ao contar a história do futebol ou ao contar a história, real ou fictícia, das partidas de futebol da atualidade, a novela ajuda a construir a memória histórica, a memória coletiva, que irá contribuir também com a individual. Essas lembranças, devido ao forte envolvimento emocional de seu público, misturam-se com os fatos da realidade. A memória individual, como já foi dito, pode confundir-se com a coletiva, por buscar nela confirmação para algumas lembranças e para preencher algumas de suas lacunas.

Assim, em diversos momentos o futebol entrou na novela e a novela entrou no futebol, tudo para dar maior realidade à ficção e maior magia à realidade. A função desses dois eventos é entreter



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

o público, dar-lhe vazão às emoções, ajudá-lo a montar a sua própria história. Essa memória (individual e social) vai se fixando porque é construída a partir das emoções, dos sentidos atribuídos a cada época pelos indivíduos que sofreram e vibraram juntos pelos seus ídolos, da novela, do futebol.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ficha técnica das novelas relacionadas ao universo do futebol citadas neste trabalho:

O ESTRANHOS

Novela de Ivani Ribeiro

Direção: Carlos Zara e Gonzaga Blota

Elenco: Regina Duarte, Rosamaria Murtinho, Cláudio Corrêa e Castro, Stênio Garcia e Pelé.

IRMÃOS CORAGEM

Novela de Janete Clair

Direção: Daniel Filho

Elenco: Tarcísio Meira, Cláudio Marzo, Cláudio Cavalcanti, Glória Menezes, Regina Duarte, Lúcia Alves, Zilka Salaberry e Gilberto Martinho.

BANDEIRA 2

Novela de Dias Gomes

Direção: Walter Campos

Elenco: Paulo Gracindo, Marília Pêra, José Augusto Branco, Felipe Carone, Milton Moraes, Stepan Nercessian, Elizangela, José Wilker, Osmar Prado e Anecy Rocha.

FEIJÃO MARAVILHA

Novela de Bráulio Pedroso

Direção: Paulo Ubiratan

Elenco: Lucélia Santos, Stepan Nercessian, Maria Cláudia, Marco Nanini, José Lewgoy, Clarice Piovesan, Grande Otelo, Olney Cazarré, Elizangela e Anselmo Duarte.

VEREDA TROPICAL

Novela de Carlos Lombardi

Argumento e supervisão de texto: Sílvio de Abreu

Direção: Jorge Fernando e Guel Arraes

Elenco: Lucélia Santos, Mário Gomes, Walmor Chagas, Maria Zilda, Marieta Severo, Cristina Pereira, Paulo Betti, Rosamaria Murtinho, Nuno Leal Maia, Geórgia Gomide, Gianfrancesco Guarnieri e Jonas Torres.

O SALVADOR DA PÁTRIA

Novela de Lauro César Muniz

Direção: Paulo Ubiratan, Denise Saraceni, Gonzaga Blota e José Carlos Pieri



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Elenco: Lima Duarte, Francisco Cuoco, Suzana Vieira, Maitê Proença, José Wilker e Betty Faria, Luiz Gustavo e Tássia Camargo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SALOMÉ

Novela de Sérgio Marques, inspirada no romance de Menotti del Picchia.

Direção: Herval Rossano

Elenco: Patrícia Pillar, Petrônio Gontijo, Suzy Rêgo, Carlos Alberto, Imara Reis, Mateus Carrieri, Jandir Ferrari e Rubens de Falco.

HISTÓRIA DE AMOR

Novela de Manoel Carlos

Direção: Ricardo Waddington

Elenco: Regina Duarte, José Mayer, Carla Marins, Carolina Ferraz, Lília Cabral, Ângelo Paes Leme, Eva Wilma, Cláudio Corrêa e Castro, Yara Cortes e Nuno Leal Maia.

SUAVE VENENO

Novela de Aguinaldo Silva

Direção: Daniel Filho e Ricardo Waddington

Elenco: José Wilker, Glória Pires, Irene Ravache, Letícia Spiller, Diogo Vilela, Rodrigo Santoro, Luana Piovani, Vanessa Lóes, Tarcísio Filho, Ângelo Antônio, Patrícia França, Rodrigo Faro, Deborah Secco, Kadu Moliterno, Nuno Leal Maia, Nívea Maria, Eva Todor e Betty Faria.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Bibliografia

ALMEIDA, Cleivânia L. et al. **Cotidiano: Seminário sobre comunicação e construção da realidade**. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Edusp, 1979.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Editora Vértice, 1999.

Le GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora Unicamp, 1990.

TÁ NA ÁREA. TV 50 anos: Futebol e Novela (programa exibido pelo canal Sportv com produção da Santa TV). Direção de Alê Primo. Roteiro de entrevistas: Mauro Alencar. São Paulo, 2000. 45 minutos, color., son., vhs, vo.

Abril/2002